



Jorge Palma

Sábado, 22 - 22h - Biblioteca Municipal

Nasce em Lisboa no ano de 1950. Em 1956, inicia os seus estudos musicais (piano), prestando em 1958 a sua primeira audição no Conservatório de Lisboa. Em 1963 recebe o 2º prémio e Menção Honrosa no Concurso Internacional das Juventudes Musicais, realizado em Palma de Maiorca.

A actuação no 1º Festival de Vilar de Mouros e a convivência com os músicos vêm estimular a escrita musical e a composição das primeiras canções com letras em inglês, o que viria a dar origem ao seu primeiro single a solo intitulado "The nine billion names of God". O seu primeiro trabalho em português (45 rpm) é editado em 1973 e em 1975 edita o seu primeiro álbum. Entre 1975 e 1993 Jorge Palma editou 10 álbuns, tendo efectuado diversas digressões em Portugal e no estrangeiro. Neste período, conclui o Curso Geral de Piano (1986) e o Curso Superior de Piano (1990). Em 1992 forma juntamente com Kalú e Zé Pedro (Xutos & Pontapés), Flak e Alex (Rádio Macau) a Palma's Gang. No período que decorre de 1994 a 1996, Jorge Palma continua as suas digressões pelo País, colaborando ainda como cantor, pianista, compositor e letrista com músicos tais como Né Ladeiras, Xutos & Pontapés e Paulo Gonzo. O convite para integrar Rio Grande surge no final deste mesmo ano.

Não sendo a primeira vez que se desloca a Grândola, este é um regresso desejado.

Ciganos d'Ouro

Depois de, no ano passado, terem participado na Semana Cultural do Lousal, os Ciganos d'Ouro voltam ao concelho de Grândola, agora pelas Comemorações do 26º Aniversário do 25 de Abril. Os Ciganos d'Ouro surgiram em 1994 com os irmãos Sérgio Silva e José Pato. A ideia inicial era tocar basicamente para a comunidade cigana, no entanto, a receptividade e as performances alcançadas rapidamente lhes alargaram os horizontes. O encontro com Pedro Jóia veio trazer ao grupo diversidade em termos de estilos musicais e é com este músico no papel de produtor que os Ciganos d'Ouro entram pela primeira vez num estúdio para gravarem o seu primeiro álbum. A musica já não se cinge à tradicional cigana, apresentando incursões no Flamenco e Salsa, com os resultados a agradarem a todas as partes. Composta a banda, os espectáculos multiplicaram-se com assinalável êxito, aparecendo novos temas que lentamente vão sendo tocados ao vivo, com os músicos a ganharem um outro traquejo e confiança. O disco surge com naturalidade e é consequência do bom trabalho desenvolvido pela banda na estrada.



O Tambor

Domingo, 23 - 22h - Jardim 1º de Maio

Com os Tambor não existem compromissos em relação ao que "está a dar" nem ao que é suposto ser comercial e dá para passar nos *media*. Assim, nos espectáculos ao vivo, os temas compostos por Fernando Martins e Alex têm uma alternativa e imediata.

Os temas que tocam no single e depois no álbum são compostos por Fernando Martins e Alexandra Valentim (Núcleo Duro, Vulgo Casal Boss), daqui para a frente identificados por FM e Alex para facilidade de escrita.

Para eles, esta é a música que gostam de ouvir e de tocar. Também é verdade que nem todos os temas são lentos ou rápidos (ou tristes ou alegres, ou contemplativos ou acutilantes), mas ninguém está sempre com a mesma disposição.

Partem do princípio que fazem a música que eles próprios são capazes de comprar e dão os concertos que iriam ver.

A Alex cantou durante anos na zona da Beira Interior e Porto, aquelas canções que todas as pessoas queriam ouvir e fartou-se. O FM tocou durante dez noutro conjunto, onde tocava às vezes o que queria e outras (muitas) o que não queria e fartou-se. Então juntaram as vozes e começaram a trabalhar em temas que se foram acumulando últimos tempos a começar por uma versão dos Sétima Legião, para verem qual era a direcção e a vontade estética que os unia (na música).

E que música é esta que nos invade e faz mover estas pessoas?

É sempre mais difícil para o músico tentar definir o que faz, não só porque é um aborrecimento mas também porque a maior parte das vezes não sabe o que dizer.

Isto é mais ou menos na onda da Pop. Alternativa fugir do conceito casula e a abranger os ambientes esotéricos e a velocidade de viver agora, obviamente que umas vezes é tudo e de outras vezes não é nada.

**2ª Feira, 24 - 00,30h
Jardim 1º de Maio**



Segunda-Feira, 24 - 22h - Jardim 1º de Maio

Paredes e os músicos tocavam "Cantigas do Maio" de José Afonso. Uma voz anónima, com um timbre raro e cheio de alma, cativou a atenção de todos os presentes, a ponto de os músicos em palco interromperem os seus exercícios. Carlos Paredes, da forma mais natural como, aliás, é seu cunho, reagiu de imediato; as palavras do mestre da guitarra portuguesa cruzaram a sala em direcção a Nuno Guerreiro: "O amigo tem uma belíssima voz. Porque é que não vem cantar connosco no S. Luís ?!" E assim foi. Neste concerto Nuno Guerreiro teve a oportunidade de privar com outros músicos convidados, entre os quais Manuel Paulo. As várias ideias que até então Manuel Paulo, Moz Carrapa e João Gil possuíam quanto à voz, faleciam no histórico teatro de Lisboa. O convite para Nuno Guerreiro integrar a Ala dos Namorados foi imediato. Nuno, por seu lado, ao ser confrontado com as canções, não resistiu: enamorou-se de imediato e juntou-se aos três.

Associação 25 de Abril inaugura em Grândola Delegação do Alentejo



3ª Feira, 25 - 11h - Largo Álvaro Castelões

Coro Lopes Graça da Academia de Amadores de Música



3ª Feira, 25 - 21,30h - Memorial do 25 de Abril

O primeiro passo na Ala dos Namorados é dado por Manuel Paulo, João Gil e João Monge. Os três começaram a compor e a escrever vários temas. A este processo criativo viria a juntar-se, um pouco mais tarde, José Moz Carrapa. Ficava a faltar a voz. Chegaram a pensar na hipótese de gravar com vários cantores. Todavia, o concerto de Carlos Paredes em 92, no Teatro S. Luís, faria a banda abandonar esta ideia. Aí conhecem a voz de Nuno Guerreiro, que participava como convidado no espectáculo do mestre Carlos Paredes. Uma história curiosa, aliás, levou-o a cantar no palco do S. Luís nesse espectáculo. Num dos últimos ensaios para o dito concerto, uma voz levanta-se de entre as pessoas que assistiam, num canto improvisado, enquanto no palco Carlos